

## NOTAS BREVES SOBRE A AMIZADE<sup>1</sup>

*Marcio Tavares d'Amaral<sup>2</sup>*

*Para Eduardo Portella, nos seus 80 anos.*

Oitenta anos! E mais cinquenta. Oitenta do homem, cinquenta de uma das suas mais teimosas e resistentes obras. Quando assim uma vida se expressa numa extensão sua não será correto, na matemática das emoções vivas, que é sempre a mais rigorosa, somar as idades, acrescentar os tempos? Eduardo Portella faz 80 anos. É uma vida. Longa e boa. A Revista Tempo Brasileiro comemora 50. É também uma vida. Longa — passou largamente o “mal dos três números”, tornou-se perene como os rios que não secam quando a seca mata. Longa e boa: fez o Brasil conhecer o mundo, trouxe para a nossa inteligência limitada e imitadora sopros do largo. Pôs o tempo brasileiro em compasso com o tempo do mundo. Autores, escolas, temas, problemas e questões, debates de atualidade intelectual e sondagens de futuro. Isso é grande sementeira! E dela tem saído bela colheita. E nem o grão secou. Tem muito ainda a dar à melhor fome, a única que não mata nem se sacia, a fome leve do espírito.

Conheço a Tempo Brasileiro de perto. Tenho publicado nela, há um tempo que deve andar pela metade da sua vida. Sou mesmo um relapso membro da sua comissão editorial. Dou-me privadamente parabéns. Participo da festa do lado do bolo em que se sopram as velas.

Mas sobretudo conheço de perto Eduardo Portella. Foi meu professor no doutorado na Faculdade de Letras da UFRJ. Encontrei lá o Professor. Ponho assim, com maiúscula, para assinalar que Professor pode ser uma escolha de profissão ou pode ser um destino inescapável. Desconfio que para Eduardo (assim o chamam os amigos; amigo, assim o chamarei) ser professor não foi alternativa a, por exemplo, tornar-se advogado. Imagino que estar fora das salas de aula, sem contato com seus alunos, seria para ele um sofrimento. Eduardo é Professor. Professor Eduardo Portella — me soa melhor até do que Ministro.

Foi meu professor, já disse. E, passados mais de 35 anos, ainda me lembro, com clareza de anteontem, da sua primeira aula. Apresentou o programa. Alinhou suas hipóteses. Sublinhou a relevância do assunto. Uma leitura estilística da “literariedade”,

---

<sup>1</sup>Artigo publicado na Revista Tempo Brasileiro. Referência: AMARAL, M. T. D`. *Notas breves sobre a amizade*. Tempo Brasileiro, v. 191, p. 85-92, 2012.

<sup>2</sup>Professor titular emérito da UFRJ - ECO. Coordenador e pesquisador do Programa IDEA.

de que então se começava a tratar como (deixem-me dizer a palavra banida, que ainda me encanta) a essência do literário. *Do literário*, precisamente, não da literatura. O literário se deixa pensar. A literatura vai além e à frente do pensamento. Tratou também da *transposição do barroco*: da Europa para o Brasil algo aconteceu; esse algo é *nosso*: tratava-se então de localizar *o quê*, e pensá-lo com rigor.

Não fui olhar minhas anotações de 1975 para me lembrar desse primeiro contato. Nem tomava notas. Mas olhava. E a *presença* de Eduardo era seu melhor “recurso didático”, como se chamam em geral as próteses técnicas que se utilizam quando pensar em voz alta não basta. Não para ele. Eduardo era um corpo em cena. Movia-se pouco. Falava baixo e bem pausadamente. Pensava enquanto ia falando, as ideias vinham junto com os atos de fala. Seus alunos percebiam isto, e por isso iam junto, eram delicadamente arrastados por esse pensamento em invenção, e tornavam-se parte dele. E ele, parte de nós, seus alunos. Como se nós próprios o estivéssemos produzindo, em suplência ao nosso Professor. Depois, havia as mãos. Eduardo argumentava e seduzia com o belo movimento das mãos na sala da Avenida Chile. Acabada a aula, seu desenho ficava no ar, como ficam ideias na cabeça. Ficava mesmo como ideias. Acompanhá-vos — a mim, certamente, acompanhavam — de volta a casa e aos livros, menos vivos do que as mãos. Porisso digo: Professor era sua alma. Tinha o que professar, que é mais, em muito, do que dar aulas. Empenhava a vida. E passava pelo corpo. Depois, bem depois, aposentou-se pela fatalidade calendária e burra dos 70 anos. Recebeu o título de emérito. A emerência já a tinha, há tanto tempo. É hoje Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Posto assim, a Universidade cresceu. E ele continuou Professor.

Terminei meu doutorado — ele meu orientador; nunca terá havido orientando tão livre! — e voltei para a minha Escola de Comunicação, de cujo Mestrado ele fora, alguns anos antes, um dos fundadores. Mas entre a Praia Vermelha e a Avenida Chile, parece, a distância era maior do que os quilômetros em que se mede. O certo é que nos perdemos de vista.

Lá um dia Jorge Amado, nosso muito querido amigo comum, me disse com seu riso de quem passava pela vida com uma alegria essencial: — O Portella (que a Zélia chamava de “Príncipe”) duvida de que você exista. — Como assim? Ele foi meu professor! — Justamente. Ele não quer acreditar que o bandalho que descrevo para ele, comedor valente, bom bebedor e piadista, que dissimula nas mãos um pistom invisível com cuja música vez por outra presenteia os amigos, seja o mesmo jovem muito sério,

que veste terno e escreve trabalhos eruditos. Mas era mesmo o mesmo. Eduardo acreditou. E através do Jorge de vez em quando nos mandávamos sinais.

Aí chegou 1978. Estava na Tempo Brasileiro cuidando de alguma das minhas publicações e ele me disse: “Parece que tem para mim aí um projeto federal”. Mais não disse. Deve ter-lhe custado muito. É um inconfidente. Mas não disse. Pouco depois foi convidado para ser Ministro da Educação e Cultura. E me indicou para assumir a Secretaria de Assuntos Culturais. Comecei a conhecê-lo então como Ministro. Outra pessoa? Professor e Ministro quase certamente não se ajustam bem. Nada, a mesmíssima pessoa. Vai-se ver logo mais.

Nosso contato agora profissional demorou uns meses para se efetivar. Ele tomou posse em janeiro de 1979. Eu fui nomeado em abril. Nesses 3-4 meses o Ministro Portella, meu amigo, meu Professor, brigou por mim.

Sucedeu que o Serviço Nacional de Informação (SNI), braço de inteligência (sic) da ditadura, não tinha grande apreço pela minha pessoa. E vetou minha nomeação. Eduardo deixou a vaga em aberto. Não nomeou ninguém. E aquilo foi ficando desconfortável para o governo. O Presidente perguntou mais de uma vez se não haveria alguém que o Ministro pudesse indicar e não fosse vetável. Não, só o Marcio. Ministro, nesses casos vá pelo Medeiros, dizia o Presidente. Medeiros era o Ministro-chefe do SNI. E o tempo passando. Quatro meses e a Secretaria acéfala. Não que o Governo desse qualquer importância para a cultura. Mas ficava mal. E não deixava de ser uma resistência do Ministro da Educação à lógica das nomeações na sua pasta, que, afinal, ou ele decidia ou não seriam dele. E o Poder capitulou diante da paciência teimosa. — Ministro, o senhor assina embaixo? — Assino. E assim, quatro meses depois do Chefe, e estritamente porque ele o quis duas vezes, cheguei ao MEC e conheci o Ministro.

Foi um tempo difícil. Havia no ar uma promessa explícita de abertura. Eduardo considerou que, liberal que era, aberto à esquerda, teria o que fazer nesse processo. Teria, claro. Se o processo fosse verdadeiro. Mas, no MEC, todos os dias batíamos nos seus limites. E eram muito apertados. Por um lado, uma obsessão com a Segurança Nacional, ainda ativa. Por outro, a inflação. As verbas da Educação (nem falo das da Cultura, nem me lembro se podiam ser chamadas *verbas*) eram poucas e eminentemente cortáveis. O Ministro Delfim Neto, guardião do orçamento, cortava. Educação é gasto, e é preciso eliminar gastos. Não é, insistia Eduardo: é investimento. O mais urgente e fundamental que possa haver. E não se pode eliminar o futuro. A tese não passou. O confronto ficou caracterizado. Um dia Eduardo declarou à imprensa que o diálogo da

Educação não podia ser exclusivamente com a inflação. Delfim não gostou. Quando fui buscar no Planejamento dinheiro para a Cultura, recebi o conselho de desistir da empreitada, pois não se daria verba para o Portella. Foi nesse contexto que Eduardo (que é, diga-se, homem de grandes frases, atraído irresistivelmente por elas) inventou aquela de que não *era* Ministro, *estava* Ministro. A língua portuguesa lhe permitiu a expressão da consciência da transitoriedade do poder e a produção de um *conceito*, que desde então corre o Brasil. É-se ou está-se, ainda hoje, tanto tempo depois, até síndico de edifício. Um ministro inglês ou alemão, usuário de línguas pobres em que não se representa a diferença entre ser e estar, não teria a possibilidade da ousadia e a oportunidade irônica da frase. Sorte nossa. Mas não foi só com o Planejamento o esbarrão. Certa vez, no contexto de uma greve de professores universitários (a praga é antiga), um jornalista perguntou alguma coisa a esse respeito ao Ministro da Justiça, Petrônio Portella. E veio comunicar a resposta, que ia na contramão dos nossos interesses, ao Ministro da Educação. Eduardo ouviu, deve ter sorrido, e respondeu, com sua voz mansa: “Você perguntou ao Portella errado”.

E um dia, a abertura tardando, não vindo, Eduardo declarou que se sentia melhor “no outro lado [outra margem?] do rio”. Do Rio. Do Flamengo. E voltou para o seu lugar. Voltei com ele. Foi esse o meu conhecimento do Ministro Eduardo Portella, *a pessoa*.

Mas houve o Ministro Eduardo Portella, *o Ministro*. E este, nos limites dos menos de dois anos de que dispôs, mudou a cabeça do MEC. Ainda hoje, às vezes, escuto ecos do que teve tempo de plantar. Na Cultura, ecos menores. Pois separaram-se os Ministérios, os vasos comunicantes entre cultura e educação se entupiram, e sobrou para a cultura a preocupação com o Patrimônio. Não é coisa pouca, naturalmente. Mas as orientações dinâmicas que recebi do meu Ministro iam todas na direção *do fazer*: produção, circulação, consumo da cultura; mudar a mão de direção da ação do Estado na área: da superoferta, criação da ditadura, em que o Estado quase substituía a sociedade na atividade cultural, a uma atenção à demanda das comunidades, das regiões, em uma palavra: democratização do acesso à cultura, com extrema atenção aos desejos da sociedade e sua correspondência nos planos de governo. O Patrimônio, inclusive como instituição, subordinava-se à ação. Hoje, parece, Cultura e Patrimônio caminham para a mesma linha do dicionário do poder: a linha dos sinônimos. Apesar disso, ficou lá um espírito, um discurso. Por anos ainda vi os ocupantes das já então duas Secretarias, a da Ação Cultural e do Patrimônio, e mesmo mais tarde do Ministério

da Cultura, usando fórmulas (desconfio que lhes faltava o espírito) de política cultural que, por determinação do Ministro Eduardo Portella, o sociólogo Pedro Demo e eu elaboramos em programas. Muitas vezes sorri disso, filosoficamente.

Na Educação, propriamente, e, como se vai ver, paradoxalmente, a marca foi mais profunda. Na Secretaria de Ensino Superior e na CAPES correu um ar democrático, um vento desanuviante. As universidades tinham estado submetidas à vigilância do Poder. Núcleos de Informação se abrigavam nos gabinetes dos Reitores. Mesmo naqueles tempos já mais arejados desde o remoto ano de 1964, professores ainda eram chamados a se explicarem até sobre suas bibliografias de curso! Eu sei disso, não reporto de segunda mão. Eu fui. O que Eduardo fez foi se colocar sem reservas ao lado da autonomia das universidades, da liberdade de ensino, da sua independência em face de um poder, até então exercido como superior, do próprio MEC. E enfatizar a necessidade orgânica da formação humanística dos estudantes, que lhes permitisse não ter o mercado como único horizonte de vida. Tudo que faltava à Universidade brasileira, tudo o que ela podia querer. Por isso é tão dramaticamente irônico que no momento em que decidi sair estivesse ocorrendo uma greve nacional dos professores universitários para... reforçar a posição do Ministro na defesa das universidades! Não viverei o bastante para entender essa lógica. E tenho planos de viver ainda muito tempo. As verbas eram curtas, os salários estavam achatados e o Ministro lutava com os donos dos cofres. Lutava pelas universidades. A maneira que encontraram para apoiá-lo foi cessar as atividades acadêmicas, esvaziar as instituições cujas condições de revitalização ele diuturnamente procurava. Paciência. O espírito de diálogo, arejamento e liberdade ficou no MEC. Foi posto lá porque o Ministro abriu as janelas. Quem veio depois pôde contar com esse ar novo. Esse foi um belolegado.

Depois não acompanhei de perto sua atuação na alta administração da UNESCO, como Secretário-geral adjunto. Visitei-o algumas vezes em Paris. Conversamos e rimos. Falou-me de planos, voltados sempre para a pesquisa e a investigação dos horizontes do mundo, das fronteiras do conhecimento. Trabalhava já então, no pensamento e na ação, com as potencialidades e riscos da nova sociedade do conhecimento. E sem cessar pensava na democracia. Pensava a democracia. Ainda o faz. É parte do seu DNA político.

E, claro, conheci o Eduardo crítico literário. Foi da primeira geração do que veio a se chamar de *crítica universitária*. Tratou-se na época de sair dos limites do impressionismo, do subjetivismo avaliativo, julgador, para dar à literatura não, como às

vezes se afirmou, um *estatuto científico*, que lhe mataria o espírito e a gratuidade, mas a qualidade de objeto possível de uma reflexão iluminadora. Uma hermenêutica, um desvelamento penetrante. Filosofia, estilística, história se encontraram naquele momento para acrescentar ao prazer da leitura algo capaz de ultrapassar o estrito juízo de gosto, que, importante que seja, no final das contas, por desconhecimento da *literariedade* das obras, acabava por não permitir distinguir o prazer e a inteligência do mundo proporcionados por um romance, um filme ou um prato da culinária baiana. Seus estudos fizeram escola. Sua leveza analítica lhe permitiu escapar da cilada estruturalista, a que uma parte dessa crítica universitária acabaria por ceder. Ao invés do investimento *descritivo* das estruturas narrativas, criou o estilo do *ensaio*, o que lhe permitiu acompanhar as obras com o distanciamento necessário para *olhar* para elas, não o afastamento cientificista que não lhe permitiria mais *vê-las*. Seu amor pela literatura se exerceu pelo respeito que reflete. Deixou descendentes, fez família. Até hoje estão lá, na UFRJ, honrando seu Mestre.

E, afinal, conheci Eduardo promovendo o debate intelectual, o contato com a novidade, o conhecimento de movimentos e autores de que, fechados que éramos, ainda somos, para o mundo aí fora, desconhecíamos no Brasil. Esse foi, e é, o papel da Tempo Brasileiro — da Revista que comemora seus 50 anos e da Editora que lhe tomou o nome. Heidegger entrou no Brasil pela Tempo Brasileiro. E Sartre. E o estruturalismo. E a hermenêutica. De alguns anos para cá, o Colégio do Brasil — que criou para reunir, por cima da dispersão das atividades que nos sobrecarregam o cotidiano, um grupo de pensadores da cultura, do Brasil e do tempo presente — assumiu a orientação cultural da Revista, e números monográficos passaram a ser publicados, pondo em evidência as questões mais radicais da atualidade. Cinquenta anos ininterruptos de reflexão, criação e crítica, de serviço à cultura e ao pensamento. Ficou uma casa para muitos de nós, ali na Gago Coutinho. Casa generosa. Nela não está mais Franco Portella, sem quem, possivelmente, a casa não teria prosperado contra todos os vendavais e marés. Mas ele a deixou forte. Não pode mais estar nela. Mas ainda está lá.

Conheci todos esses homens no mesmo personagem. Ou todos esses personagens no mesmo homem. Esse homem é meu amigo. E isso é uma honra. É um homem de grandeza. Estar por perto dele nos dá, aos seus amigos, o sentimento de que pensar e escrever é um trabalho, é a sério, não é para diletantes. E no entanto, e ao mesmo tempo, é fonte de prazer e riso. Eduardo é das pessoas que conheço que mais entusiasmo têm pelo riso. Sua amizade é risonha. Sua ironia é risonha. Saber rir é uma

lição que, naqueles idos de 1975, quando comecei a ser seu aluno, não podia imaginar que receberia daquele sério (também eu tive minhas dúvidas quando Jorge Amado me falou do Príncipe, mestre das frases e da alegria...) professor da Faculdade de Letras. Pois recebi. Rimos juntos.

Eduardo gosta de telefone. Pode passar uma tarde conversando com um amigo e, na hora da despedida, fazer o sinal característico de telefonar e arrematar: “Me liga”. Eu não gosto. Nos falamos pouco, e é imensa pena. Esse pequeno palmo de prosa que pus aqui é um jeito de conversarmos. Tenho certeza de que, no fim, ainda vai rir. E depois pegar o telefone. Vou atender.

Rio de Janeiro, 24 de agosto de 2012.